

UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA
MOVIMENTO DO GRAAL DO BRASIL
CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS
COLETIVO ANA E OUTRAS
CFEMEA
CURSO MULHERES: CORPOS E MEMÓRIAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ALUNA: LUCIA MARA DOS SANTOS MARTINS- LIDERANCA DO COLETIVO MAES EFICIENTES SOMOS NÓS, GRUPO DE MAES ATIPICAS E QUE LUTA PELA EFETIVAÇÃO DE POLITICAS PUBLICAS DESTINADAS AOS SEUS FILHOS/AS COM DEFICIENCIA GRUPO DE MAES ATIPICAS E TAMBEM MAE DE TRES FILHOS COM DEFICIENCIA INTELECTUAL E AUTISMO DE ETIOLOGIA GENETICA LIGADA AO CROMOSSO X .

CARTA DE UMA MÃE ATÍPICA A OUTRAS MAES TÍPICAS.

Minhas prezadas mães típicas

Referimo-nos a mães típicas, àquelas cuja maternidade e cuidado com filhos/as e que não tem nenhuma deficiência. Sabemos que a maternidade para qualquer mãe é extremamente desafiadora, numa sociedade em que a sociedade extremamente machista e que percebe a mulher como ser inferior, em que não há igualdade de gênero, uma mulher que só é perfeita se esta for subserviente e aceitar esta relação machista, uma sociedade extremamente conservadora e tradicional e baseada em valores cristãos. É nesta sociedade que nós mulheres estamos inseridas e muitas de nós lutamos diariamente contra as mais diversas violências contra os nossos corpos e mentes.

Faz-se necessário começar esta carta com este contexto para iniciar o diálogo que precisamos ter sobre as realidades que vivenciamos nas nossas existências de mães de filhos/as com deficiência, as conhecidas “mães atípicas”. Sabemos que a realidade materna é desafiadora para qualquer mãe. As mães típicas elas deixam os seus filhos na escola e voltam a fazer seus afazeres diários, quando no muito são chamadas na escola apenas em dia de reunião de pais ou por eventualidade para saber o desenvolvimento do filho. Muitas destas quando vão para o trabalho, organizam os seus filhos pela manhã antes de sair e já não precisam mais se preocupar, pois sabem que estes conseguirão se organizar sem precisar de maiores cuidados. Muitas destas podem exercer sua vida profissional sem muitos prejuízos nos cuidados com seus filhos. A maternidade típica é

desafiadora, mas é uma maternidade que muitas vezes consegue ser organizada sem preocupações mais exaustivas.

Neste contexto é que escrevo esta carta para expressar e mostrar a você a realidade de uma maternidade atípica. Muitas de nós, por não dizer a quase total maioria, somos mães solas, solitárias com as nossas realidades. Uma mulher quando tem um filho PCD, é abandonada pela sociedade. Muitas vezes o homem vai embora por não aceitar que este filho com deficiência, vai depender dos cuidados constantes desta mulher. Quando este não vai embora, os cuidados com este filho é voltado para a mulher, a esta que é exigido todo o cuidado e suporte.

Muitas de somos consideradas as “mãezinhas”, aquela mulher divina que teve este filho/a porque foi a “escolhida” por Deus por ser ‘superior com o seguinte discurso “se deus te deu este filho/a com deficiência é por que foi escolhida e suportaria. Somos muitas vezes vistas com esta “maternidade divina’, das escolhidas. Tiram de nós o direito de sermos apenas mães, cansadas, tristes, exauridas, as vezes até sem forças para nossas existências.

Nossas realidades são duras, muitas de nós temos que abrir mão dos nossos sonhos, para se dedicar em totalidade aos nossos filhos, somos invisíveis para a sociedade. Muitas das vezes quando chegamos na escola para deixar os nossos filhos, já temos que deixar os telefones ligados pois sabemos que antes de chegar em casa receberemos uma ligação para retornar para buscar este filho/a. Na escola muitas das vezes somos massacradas, criminalizadas por acharem que se esta criança entrou em crise é porque a mãe não medicou o filho/a. É o tempo todo desespero interno, percebemos muitas vezes que os nossos filhos/as não são aceitos só porque são “diferentes”. Vivemos o tempo tempo na correria de terque estar nos articulando entre as muitas terapias, os olhares de maldosos das pessoas em relação aos nossos filhos, a discriminação, preconceito, falta de acessibilidade, entre muitíssimas outras coisas. Muitas de nós não recebemos convite para participar de aniversários, nossos filhos não têm amigos na escola, no parquinho e muitas vezes na própria rua em que moramos. Muitas de nós não temos solidão nem para ir ao banheiro, quando estes estão na escola que é o único lugar que podemos dividir a responsabilidade com o estado. Mas infelizmente para nós este espaço pode ser também opressor tanto para nós, quanto para os nossos filhos. Durante a pandemia, nos e os nossos filhos com deficiência fomos total esquecidos por toda a sociedade,

muitas não aguentaram o sofrimento e a solidão e acabaram tirando suas próprias vidas. A pressão social que sofremos é constante, muitas de nós, principalmente as várias das periferias, nos rincões do Brasil, são esquecidas. Falta a efetivação das políticas públicas, falta acesso à saúde, educação, assistência social etc.. Cobram de nós que nossos filhos estejam medicados e bem, mas não nos é garantido o acesso ao médico especialista. São inúmeras questões que poderia ser pontuadas nesta carta, mas que precisaria de muitíssimas páginas para tentar pontuar ainda o mínimo. Nossas mentes cansadas, exauridas, esgotadas, desesperadas, muitas vezes não transparecem nos nossos rostos. É constante em muitas de nós a vontade de acabar com as nossas vidas, por não aguentarmos ver tantos sofrimentos nesta sociedade cruel e que traz invisibilidade a certos tipos de corpos e realidades. Nossas existências são apenas pelos nossos filhos, muitas de nós não existimos nem para nós mesmos, pois se nos desligarmos os resultados podem ser ainda mais cruéis conosco. Vivemos também constantemente e diariamente pensando na possibilidade de e se morrermos quem cuidará de nossos filhos? É um grande paradoxo entre a vontade morrer e o medo de morrer. Mas é uma realidade que é vivenciada por muitíssimas de nós.

Por estas e outras questões que finalizo este curso *mulheres: corpos e memórias* com esta humilde carta, para que possam refletir sobre as realidades de uma mãe atípica. Neste processo de total solidão vivenciadas por muitas de nós, trago aqui ao redigir esta carta a uma mãe típica, se você já parou para refletir sobre as realidades de uma mãe atípica? Vc já pensou que muitas de nós somos tão esquecidas e que muitas das vezes só precisamos de um abraço? De uma palavra amiga? De que nos digam de que não estamos sozinhas, pois nossa solidão ultrapassa a nossa existência.

Que esta carta chegue a todas para que lembrem que não desconsideramos nenhuma maternidade, pois todas são desafiadoras para qualquer mulher, mas a realidade de uma mãe atípica merece ser olhada com carinho pelas com maternidade típica. Não é porque não amamos ou desconsideramos os nossos filhos /as com deficiência, mas é preciso refletir que as dificuldades enfrentadas pelas das maternidades a nossa é muito mais cruel, não por causa dos nossos filhos/as com deficiência e sim porque as nossas existências e especificidades não são muitas vezes consideradas por esta sociedade opressora e isso acaba refletindo em muito com a invisibilidade pelas nossas questões e apenas passamos a ser considerada apenas como uma “mãezinha”, esta realidade retira de nós as nossas possibilidades de ser apenas mãe e não passíveis a erros.